

Atividade Assíncrona 04

Título do Trabalho de Pesquisa:

Explique a relação entre política, educação e filosofia no “Mito da Caverna” de Platão

O estudante deverá elaborar um trabalho crítico-analítico em que destacará os elementos mais importantes do texto, em anexo. Depois disso, o estudante deverá fazer uma reflexão crítica dos pontos mais importantes que julgar existentes no texto.

Dica de como elaborar uma boa resenha: <https://www.todamateria.com.br/resenha-critica/>

A resenha deverá ter de vinte e cinco a trinta linhas.

O trabalho deverá ter o seguinte formato:

- Fonte 12
- Letra Times New Roman
- Espaço 1,5
- Parágrafo 1
- Margens 2cm (esquerda, direita, superior e inferior)
- Texto justificado
- Texto em PDF.

O trabalho vale de zero a quinze pontos.

A avaliação do trabalho também levará em conta o respeito às regras acima.

Boa pesquisa, Trotta.

CLÁSSICOS GARNIER
DA DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO

Coleção dirigida por VÍTOR RAMOS

PLATÃO

A REPÚBLICA

Introdução e notas
de
ROBERT BACCOU

Tradução de
J. GUINSBURG

2.º Volume



DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO
Rua Bento Freitas, 362
Rua Marquês de Itu, 79
SÃO PAULO
1965

511c - e

as hipóteses servem de princípios; é verdade que os que se aplicam às artes são obrigados a fazer uso do raciocínio e não dos sentidos: no entanto, como nas suas investigações não remontam a um princípio, mas partem de hipóteses, não crês que tenham a inteligência dos objetos estudados, ainda que a tivessem partindo de um princípio; ora, denominas conhecimento discursivo, e não inteligência, o das pessoas versadas na geometria e nas artes semelhantes, entendendo com isso ser este conhecimento intermediário entre a opinião e a inteligência.

— Tu me compreendeste suficientemente — disse eu. — Aplica agora a estas divisões as quatro operações da alma: a inteligência à mais alta, o conhecimento discursivo à segunda, à terceira a fé e à última a imaginação⁹⁷; e as ordena, atribuindo-lhes mais ou menos evidência, conforme os seus objetos participem mais ou menos da verdade⁹⁸.

— Compreendo — disse êle; — estou de acôrdo contigo e adoto a ordem que propões.

97. *εἰκασία*. — A maioria dos tradutores, inspirando-se na versão latina de Marsílio Ficino, vertem a palavra *εἰκασία* por *conjetura*. Esta tradução parece inexata. Em tôda conjetura, com efeito, entra certa parte — por menor que seja — de raciocínio. Ora, é inteiramente certo que no grau mais baixo do conhecimento, onde, segundo Platão, são percebidos apenas “reflexos e sombras”, o raciocínio não intervém de modo algum. Em linguagem filosófica moderna, poderíamos dizer que a *εἰκασία* é a *representação confusa* e a *αἰσθησις* a *representação nítida* que acarreta a fé (*πίστις*). Elas constituem juntas esta faculdade inferior da alma que permite *opinar* (*δοξάζειν*).

98. Vide na pág. 98, nota 86, fig. 1, e cf. Bosanquet, *op. cit.*, págs. 260-61.

LIVRO VII



Est. II p. 514 a - 515 a

— **A**GORA — continuei — representa da seguinte forma o estado de nossa natureza relativamente à instrução e à ignorância. Imagina homens em morada subterrânea, em forma de caverna, que tenha em tôda a largura uma entrada aberta para a luz; êstes homens aí se encontram desde a infância, com as pernas e o pescoço acorrentados, de sorte que não podem mexer-se nem ver alhures exceto diante dêles, pois a corrente os impede de virar a cabeça; a luz lhes vem de um fogo aceso sôbre uma eminência, ao longe atrás dêles; entre o fogo e os prisioneiros passa um caminho elevado; imagina que, ao longo dêste caminho, ergue-se um pequeno muro, semelhante aos tabiques que os exibidores de fantoches erigem à frente dêles e por cima dos quais exibem as suas maravilhas¹.

— Vejo isso — disse êle.

— Figura, agora, ao longo dêste pequeno muro homens a transportar objetos de todo gênero, que ultrapassam o muro, bem como estatuetas de homens e animais de pedra, de madeira e de tôda espécie de matéria²; naturalmente, entre êstes portadores, uns falam e outros se calam.

— Eis — exclamou — um estranho quadro e estranhos prisioneiros!

1. A propósito desta imagem, v. o estudo de A. Diès: “Guignol à Athènes” no *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, 14-15, 1927.

2. Êstes objetos são feitos de matérias diversas, assim como o mundo visível é composto de quatro elementos (Jowett e Campbell).

515 a - d

— Eles se nos assemelham³ — repliquei — mas, primeiro, pensas que em tal situação jamais hajam visto algo de si próprios e de seus vizinhos, afora as sombras projetadas pelo fogo sobre a parede da caverna que está à sua frente?

— E como poderiam? — observou — se são forçados a quedar-se a vida toda com a cabeça imóvel?

— E com os objetos que desfilam, não acontece o mesmo?

— Incontestavelmente.

— Se, portanto, conseguissem conversar entre si não julgas que tomariam por objetos reais as sombras que avistassem⁴?

— Necessariamente.

— E se a parede do fundo da prisão tivesse eco, cada vez que um dos portadores falasse, creriam ouvir algo além da sombra que passasse diante deles?

— Não, por Zeus — disse ele.

— Seguramente — proseguei — tais homens só atribuirão realidade às sombras dos objetos fabricados.

— É inteiramente necessário.

— Considera agora o que lhes sobrevirá naturalmente se forem libertos das cadeias e curados da ignorância. Que se separe um desses prisioneiros, que o forcem a levantar-se imediatamente, a volver o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos à luz: ao efetuar todos esses movimentos sofrerá, e o ofuscamento o impedirá de distinguir os objetos cuja sombra enxergava há pouco. O que achas, pois, que ele responderá se alguém lhe vier dizer que tudo quanto vira até então eram apenas vãos fantasmas, mas que presentemente, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, vê de maneira mais justa? Se, enfim, mostrando-lhe cada uma das coisas passantes, o obrigar, à força de perguntas, a dizer o que é

3. Comparai com o quadro que Ésquilo traça da vida dos homens primitivos (*Prometeu Encadeado*, v. 447-53, trad. francesa de Paul Mazon): “No começo, eles viam sem ver, escutavam sem ouvir e, semelhantes às formas dos sonhos, viviam a longa existência na desordem e na confusão. Ignoravam as casas de tijolos ensolaradas... viviam debaixo da terra, como as formigas ágeis, no fundo de grutas fechadas ao sol”. Só emergiram deste estado de barbárie quando Prometeu lhes ensinou a ciência das estações e, depois, a dos números. Como vemos, para Platão o homem sem educação é comparável ao primitivo.

4. Seguimos no caso o texto da edição Burnet: *Εἰ οὖν διαλέγεσθαι ... οὐ ταῦτα ἡγῆ ἂν τὰ ὄντα αὐτοὺς νομίζειν ἅπερ ὁρῶεν*;

515 d - 516 c

isso? Não crês que ficará embaraçado e que as sombras que via há pouco lhe parecerão mais verdadeiras do que os objetos que ora lhe são mostrados?

— Muito mais verdadeiras — reconheceu ele.

— E se o forcem a fitar a própria luz, não ficarão os seus olhos feridos? não tirará dela a vista, para retornar às coisas que pode olhar, e não crerá que estas são realmente mais distintas do que as outras que lhe são mostradas?

— Seguramente.

— E se — proseguei — o arrancam à força de sua caverna, o compelem a escalar a rude e escarpada encosta e não o soltam antes de arrastá-lo até a luz do sol, não sofrerá ele vivamente e não se queixará destas violências? E quando houver chegado à luz, poderá, com os olhos completamente deslumbrados pelo fulgor, distinguir uma só das coisas que agora chamamos verdadeiras?

— Não poderá — respondeu; — ao menos desde logo.

— Necessitará, penso, de hábito para ver os objetos da região superior. Primeiro distinguirá mais facilmente as sombras, depois as imagens dos homens e dos outros objetos que se refletem nas águas, a seguir os próprios objetos. Após isso, poderá, enfrentando a claridade dos astros e da lua, contemplar mais facilmente durante a noite os corpos celestes e o céu mesmo, do que durante o dia o sol e sua luz.

— Sem dúvida.

— Por fim, imagino, há de ser o sol, não suas vãs imagens refletidas nas águas ou em qualquer outro local, mas o próprio sol em seu verdadeiro lugar, que ele poderá ver e contemplar tal como é.

— Necessariamente.

— Depois disso, há de concluir, a respeito do sol, que é este que faz as estações e os anos, que governa tudo no mundo visível e que, de certa maneira, é causa de tudo quanto ele via, com os seus companheiros, na caverna⁵.

5. Aristóteles inspirou-se nesta passagem no seguinte fragmento que conhecemos somente por uma tradução de Cícero (*De natura Deor.*, liv. II, 95): “Praeclere ergo Aristoteles: Si essent, inquit, qui sub terra semper habitavissent bonis et illustribus domiciliis, quae essent ornata signis atque picturis instructaque rebus iis omnibus, quibus abundans ii, qui beati putantur, nec tamen exissent unquam supra terram, accepissent autem fama et auditione esse quoddam numen et

516 c - e

— Evidentemente, chegará a esta conclusão.

— Ora, lembrando-se de sua primeira morada, da sabedoria que nela se professa e dos que aí foram os seus companheiros de cativeiro, não crês que se rejubilará com a mudança e lastimará estes últimos?

— Sim, decerto.

— E se eles então se concedessem entre si honras e louvores, se outorgassem recompensas àquele que captasse com olhar mais vivo a passagem das sombras, que se recordasse melhor das que costumavam vir em primeiro lugar ou em último, ou caminhar juntas, e que, por isso, fôsse o mais hábil em adivinhar o aparecimento⁶ delas, pensas que o nosso homem sentiria ciúmes destas distinções e alimentaria inveja dos que, entre os prisioneiros, fôssem honrados e poderosos? Ou então, como o herói de Homero⁷, não preferirá mil vezes ser apenas um servente de charrua, a serviço de um pobre lavrador, e sofrer tudo no mundo, a voltar às suas antigas ilusões e viver como vivia?

— Sou de tua opinião — assegurou; — ele preferirá sofrer tudo a viver desta maneira.

— Imagina ainda que este homem torne a descer à caverna e vá sentar-se em seu antigo lugar: não terá ele os olhos cegados pelas trevas, ao vir súbitamente do pleno sol?

— Seguramente sim — disse ele.

— E se, para julgar estas sombras, tiver de entrar de novo em competição, com os cativos que não abandonaram as correntes, no momento em que ainda está com a vista confusa

vim deorum; deinde aliquo tempore patefactis terrae faucibus, ex illis abditis sedibus evadere in haec loca, quae nos incolimus, atque exire potuissent: cum repente terram et maria caelumque vidissent, nubium magnitudinem ventorumque vim cognovissent aspexissentque solem ejusque cum magnitudinem pulchritudinemque, tum etiam efficientiam cognovissent, quod in diem efficeret toto caelo luce diffusa; cum autem terras nox opacasset, tum caelum totum cernerent astris distinctum et ornatum lunaeque luminum varietatem tum crescentis, tum senescentis, eorumque omnium ortus et occasus atque in omni aeternitate ratos immutabilesque cursus: quae cum viderent, profecto et esse deos et haec tanta opera deorum esse arbitrarentur”.

6. Platão tem em mente, por certo, aos estadistas cuja ciência puramente empírica não remonta dos efeitos às verdadeiras causas. Cf. liv. V, 473 c e liv. VI, 488 b.

7. *Odisséia* XI, verso 489, já citado no livro III, 386 c.

517 a - d

e antes que seus olhos se tenham reacostumado (e o hábito à obscuridade exigirá ainda bastante tempo), não provocará riso à própria custa⁸ e não dirão eles que, tendo ido para cima, voltou com a vista arruinada, de sorte que não vale mesmo a pena tentar subir até lá? E se alguém tentar soltá-los e conduzi-los ao alto, e conseguissem eles pegá-lo e matá-lo, não o matarão⁹?

— Sem dúvida alguma — respondeu.

— Agora, meu caro Glauco — continuei — cumpre aplicar ponto por ponto esta imagem ao que dissemos mais acima, comparar o mundo que a vista nos revela à morada da prisão e a luz do fogo que a ilumina ao poder do sol. No que se refere à subida à região superior e à contemplação de seus objetos, se a considerares como a ascensão da alma ao lugar inteligível, não te enganarás sobre o meu pensamento, pôsto que também desejas conhecê-lo. Deus sabe se ele é verdadeiro. Quanto a mim, tal é minha opinião: no mundo inteligível, a idéia do bem é percebida por último e a custo, mas não se pode percebê-la sem concluir que é a causa de tudo quanto há de direito e belo em tôdas as coisas; que ela engendrou, no mundo visível, a luz e o soberano da luz¹⁰; que, no mundo inteligível, ela própria é soberana e dispensa a verdade e a inteligência; e que é preciso vê-la para conduzir-se com sabedoria na vida particular e na vida pública.

— Partilho de tua opinião — replicou — na medida em que posso.

— Pois bem! compartilha-a também neste ponto, e não te espantes com o fato de aquêles que são alçados a estas alturas não mais quererem ocupar-se dos negócios humanos e suas almas aspirarem incessantemente a permanecer no alto. Isto é muito natural se nossa alegoria fôr exata.

— Com efeito, é muito natural — disse ele.

— Mas então?, pensas ser espantoso que um homem, que passa das contemplações divinas às miseráveis coisas humanas,

8. Cf. *Fédon*, 249 d; *Teéteto*, 174 c-175 b; *Sofista*, 216 d.

9. Na boca de Sócrates estas palavras adquirem um sentido profético. Não é, aliás, o condenado pelos Onze que, no *Fédon*, declara conhecer a arte da adivinhação, como os pássaros de Apolo? 'Εγὼ δὲ καὶ αὐτὸς ἠγοῦμαι ... οὐ χεῖρον ἐκείνων (τῶν κύκνων) τὴν μαντικὴν ἔχειν παρὰ τοῦ δεσπότου ...

10. V. livro VI, 506 e.

517 d - 518 c

tenha falta de graça e pareça inteiramente ridículo, quando, ainda com a vista perturbada e insuficientemente acostumado às trevas circundantes, é forçado a entrar em disputa, diante dos tribunais ou alhures, acerca das sombras de justiça ou das imagens que projetam estas sombras, e combater as interpretações que delas fornecem os que nunca viram a própria justiça ¹¹?

— Não há nada de espantoso nisso.

— Com efeito — prossegui — um homem sensato recordar-se-á que os olhos podem perturbar-se de duas maneiras e por duas causas opostas: pela passagem da luz à obscuridade e pela passagem da obscuridade à luz; e, tendo refletido que sucede o mesmo com a alma, quando avistar uma, perturbada e impedida de discernir certos objetos, não rirá tôlamente, porém examinará antes se, proveniente de uma vida mais luminosa, ela está, por falta de hábito, ofuscada pelas trevas, ou se, passando da ignorância à luz, está cega pelo brilho demasiado vivo; no primeiro caso, julgá-la-á feliz, em razão do que ela experimenta e da vida que leva; no segundo, há de lastimá-la, e se quisesse rir às custas dela, suas troças seriam menos ridículas do que se incidissem sobre a alma que volta da morada da luz ¹².

— Isto que é falar — disse êle — com muita sabedoria.

— Devemos, pois, se tudo isto fôr verdade, concluir o seguinte: a educação não é de nenhum modo o que alguns proclamam que ela seja; pois pretendem introduzi-la na alma, onde ela não está, como alguém que desse a visão a olhos cegos ¹³.

11. Comparai com o admirável retrato do filósofo no *Teéteto*, 173-74-75.

12. No *Sofista* (254 b), Platão observa que é igualmente difícil conhecer o verdadeiro filósofo e o sofista: o primeiro porque vive numa região de luz deslumbrante, o segundo porque se refugia numa zona de obscuridade impenetrável.

13. Alusão aos sofistas. — A tese que Platão expõe aqui deriva de sua teoria da reminiscência. A alma humana encerra um elemento divino (*θεϊόν τι*), o *νοῦς*, naturalmente apto a ver a verdade, como o olho está apto a ver a luz. Ora, esta aptidão, ou mais exatamente este *poder*, no dizer de Platão, lhe vem porque êle já alguma vez pôde contemplar a verdade. Eis por que, voltado ao ser real, o *νοῦς* não o descobre, para falar com propriedade, mas o

518 c - 519 a

— É o que pretendem, com efeito.

— Ora — reatei — o presente discurso mostra que cada um possui a faculdade de aprender e o órgão destinado a este uso, e que, semelhante a olhos que só pudessem voltar-se com o corpo inteiro das trevas para a luz, este órgão também deve desviar-se com a alma toda daquilo que nasce, até que se torne capaz de suportar a visão do ser e do que há de mais luminoso no ser; e é isso que nós chamamos o bem, não é?

— Sim.

— A educação é, portanto, a arte que se propõe este fim, a conversão da alma, e que procura os meios mais fáceis e mais eficazes de operá-la; ela não consiste em dar a vista ao órgão da alma, pois que este já o possui; mas como êle está mal disposto e não olha para onde deveria, a educação se esforça por levá-lo à boa direção.

— Assim parece — disse êle.

— Agora, as outras virtudes, denominadas virtudes da alma, parecem realmente aproximar-se das do corpo, pois, na realidade, quando não as temos de início, podemos adquiri-las em seguida, através do hábito e do exercício ¹⁴; mas a virtude da ciência pertence muito provavelmente a algo mais divino ¹⁵, que nunca perde a sua força, e que, conforme a direção que se lhe dá, torna-se útil e vantajoso ou inútil e nocivo. Não notaste ainda, no tocante às pessoas ditas perversas, porém hábeis, quão penetrantes são os olhos de sua almazinha miserável, e com que acuidade discernem os objetos para os quais se voltam? A alma dêles não conta, portanto, uma vista fraca; mas como é compelida a servir-lhes a malícia, quanto mais penetrante a sua visão, tanto mais pratica o mal.

— Esta observação é inteiramente justa — aprovou êle.

reconhece. O conhecimento (*μάθησις*) não é, pois, em suma, senão uma forma da lembrança (*ἀνάμνησις*). V. o *Menon* 81 a segs. e o *Fédon* 72 e — 76 d.

14. Aristóteles desenvolve a mesma idéia na *Ética a Nicômaco II*, 1. 1103 a, 17-31.

15. *ἡ δὲ τοῦ φρονῆσαι (ἀρετή) i. é. ἡ φρόνησις*. — Cabe observar que a significação desta palavra evoluiu sensivelmente desde o livro IV, 433 c, onde servia para designar uma virtude totalmente prática, a prudência dos chefes.